

INTELECTUAIS E PERSPECTIVA

Nós vos pedimos com insistência: nunca digam "isso é natural" diante dos acontecimentos de cada dia. Numa época em que reina a confusão, em que corre o sangue, em que se ordena a desordem, em que o arbítrio tem força de lei, em que a humanidade desumaniza (...) não digam nunca: isso é natural. A fim de que nada passe por imutável.

Sob o familiar, descubram o insólito. Sob o cotidiano, desvelem o inexplicável. Que tudo que seja dito ser habitual, cause inquietação.

Na regra é preciso descobrir o abuso, e sempre que o abuso for encontrado, é preciso encontrar o remédio. Bertolt Brecht

Neste número da Perspectiva, o segundo do ano de 2001, os editores retomam a política editorial, assumida nos últimos anos, que permite edições temáticas alternadas às edições multitemáticas, processo posto em prática a partir do número 33. Esta edição é dedicada à **Filosofia e Educação**. Este duplo movimento, ora priorizando um tema exclusivo, ora abrindo espaço para tópicos que problematizam questões educacionais, vem se revelando extremamente profícuo, uma vez que permite socializar, mais ampliadamente e com maior densidade, a produção acadêmica no campo diversificado da Educação. Afora isso, tal política permite à Revista atender múltiplas demandas, hoje irreversivelmente reconfigurado no cenário mundializado das relações sociais.

A Perspectiva vem procurando assumir o debate educacional nas circunstâncias amplas e complexas do espaço-tempo mundial contemporâneo. O caráter de universalidade não se esgota, por certo, no fato da origem nacional/estrangeira dos trabalhos que a Revista vem publicando, embora este seja um critério consensual no cenário editorial de periódicos científicos e partilhado, por Perspectiva. A nosso ver, a universalidade se encontra, também e de modo ineludível, na perseguição à **teoria**, posição que se põe em sentido contrário às políticas e práticas empiricistas, tão em moda no campo da Educação, que privilegiam o “como e o que fazer de resultados”, dando como dispensável, ou mesmo imperdoável perda de dinheiro (público), uma formação caracterizadamente *omnilateral*¹.

Não se trata, no entanto, de qualquer teorização, dado que o *ethos* universitário não pode furtar-se de pensar o real no sentido de ampliar as conquistas civilizatórias e, ao mesmo tempo, de socializá-las eqüanamente. Impõe-se, pois, a teoria no sentido crítico. No caso das universidades públicas, podemos afirmar que tal inserção ganha, sobremaneira, a condição de imperativo ético-político. Assim, no Prefácio da *Perspectiva* número 34, também dedicado à Filosofia e Educação, já afirmávamos que

para os que têm suas atividades acadêmicas articuladas à filosofia e, no nosso caso, exemplarmente à filosofia da educação, a questão dos **intelectuais** como categoria sócio-acadêmica comprometida com a crítica a qualquer tentativa de **naturalização** do que é histórico-social se impõe como tarefa permanente e universal (JANTSCH 2000, p.7, grifos nossos).

A crítica é necessária, em particular, no momento em que presenciemos, na *mídia* mundial, a mão forte e (in)visível da propaganda – também forma precisa de pedagogia – visando legitimar toda ordem de violência cometida contra a própria humanidade. A encruzilhada em que nos encontramos - civilização que a todos abrigue com dignidade ou a barbárie da lógica da exclusão - violenta e/ou demonizante um olhar crítico e uma prática capazes de apreender e intervir na instituição de uma sociedade mundial erigida sob critérios inclusivos, que não abre mão da defesa da justiça social em qualquer “mesa de negociações”. Trata-se, no caso da academia, de dar guarida à teoria capaz de estranhar processos sociais excludentes e inclusões meramente marginal. Contrariando o forte movimento reinante contra a teoria, asseveramos o *ethos* acadêmico/universitário como seu *locus* privilegiado, e os intelectuais como força educativa que pensa o real para além da barbárie.

Dito isso, gostaríamos de celebrar. Nem tudo é cinismo e nem tudo é cegueira/ingenuidade funcional nas sociedades nacional e internacional. Celebramos, em primeiro lugar, Milton Santos, intelectual que, como poucos, soube apreender a particularidade brasileira sem deixar escapar seu encontro com a universalidade ou perder sua singularidade. Pensou a todos como cidadãos do mundo, como ele mesmo o foi. Nesse momento, já tempo póstumo, deixamos nossa

homenagem ao colega, referência de intelectual comprometido com o trabalho teórico & justiça social, que manteve “casamento permanente com o porvir” e com a produção intelectual. Ao fazermos esta homenagem, lembramos suas palavras:

O terrível é que, nesse mundo de hoje, aumenta o número de letrados e diminui o de intelectuais. Não é esse um dos dramas atuais da sociedade brasileira? Tais letrados, equivocadamente assimilados aos intelectuais, ou não pensam para encontrar a verdade, ou, encontrando a verdade, não a dizem. Nesse caso, não se podem encontrar com o futuro, renegando a função principal da intelectualidade, isto é, o *casamento permanente com o porvir*” (SANTOS, 2000, p. 28, sem grifos no original).

Ao mesmo tempo em que vemos em Santos (2000) a expressão de um intelectual comprometido com a superação das dores desnecessárias e dos desperdícios do gênero humano e, por isso, com obra teórica capaz de exortar à militância coletiva, prestamos também nossa homenagem àquele que, soube levar a termo o papel dos intelectuais na construção/transformação da realidade e que muito honra a Perspectiva com o texto Marx: do Liberalismo ao Comunismo (por um discurso "apenas" cultural). Ao intelectual Mario Alighiero Manacorda que, em seus noventa anos continua em “casamento permanente com o porvir”, nosso tributo e reconhecimento da importância de sua obra educacional. Nossa homenagem ao grande mestre consiste, também, no respeito à sua exposição e originalidade, razão pela qual seu texto não faz parte do bloco de artigos. O texto de Manacorda, testemunho vivo do século XX, recebeu nesse número tratamento diferenciado.

Manacorda revisita, em sua ciência-poesia, o século XX, argumentando, basicamente, que no momento em que a idéia liberal parece ter triunfado sobre a idéia comunista e dominado o mundo, pode ser útil retomar a idéia derrotada do comunismo precisamente nas suas relações com a idéia liberal. Nesse contexto, o artigo acompanha o pensamento de Marx desde os primeiros até seus últimos escritos, identificando nele a presença dos traços do liberalismo. Argumenta ainda que entre comunismo ideal e socialismo real há a mesma incompatibilidade que entre liberalismo ideal e liberalismo real. Conclui com a afirmação de que a cultura socialista, livre da

ideologização e dos laços imediatos da política, pertence à história e encontra-se destinada a ser reapresentada aos estudiosos futuros como patrimônio consolidado que devemos alcançar para novas e mais avançadas reflexões. Acreditamos que, em tempos de (ainda) barbárie, tais reflexões renovadamente se imponham, especialmente para os que se almejam intelectuais.

O primeiro trabalho a compor o rol de artigos propriamente ditos aponta, contundentemente, para a necessária presença dos intelectuais, especialmente para pensar o atual espaço-tempo escolar. O artigo de Roberto Follari, **Perfil del docente y crisis cultural contemporânea**, tece uma interessante argumentação sobre as condições sócio-culturais na qual a política educacional se insere, apresentando-as não como um contexto exterior às instituições escolares mas, ao contrário, como seu solo real, cuja intelecção é determinante para compreender o que ocorre no âmbito educativo. Nessa perspectiva, discute a pós-modernidade em suas várias facetas. Realça o fato de a escola, por seu perfil de corte moderno, e os docentes que nela atuam sofrerem particularmente os efeitos da perda de legitimidade do discurso intelectual, do ocaso dos intelectuais e do abandono do espaço do conhecimento como alicerce dos discursos sociais. Com esse quadro em vista, Follari busca caracterizar os principais desafios que se colocam para a formação e a ação docentes a partir dos parâmetros estipulados pela Lei Federal de Educação Argentina.

Na seqüência do trabalho de Follari e compondo com este autor um bloco de artigos que estabelecem uma crítica radical à razão positiva, o trabalho de Divino José da Silva, **A educação para a amplitude de experiência**, tem como objeto a crítica de Horkheimer à racionalidade instrumental e os elementos decorrentes dessa crítica, para se pensar uma educação para a sensibilidade, que se contraponha à “apatia”, à “frieza” e à “crueldade” que, em grande medida, caracterizam o comportamento dos indivíduos na sociedade contemporânea. Para isso, Silva reflete, a partir de Horkheimer, sobre o sentido da crise ética em nossa sociedade, constatando que os valores morais, construídos ao longo do processo civilizatório, já não podem mais determinar as ações dos indivíduos. Diante disso, o autor pensa a relação da ética com a educação para a sensibilidade que, compreendida como processo formativo amplo, deveria possibilitar aos indivíduos o acesso à “experiência” dos valores morais.

O trabalho de Pedro Pagni - **A recepção e a atualidade da Filosofia da Educação produzida por Anísio Teixeira** - inaugura um segundo bloco de artigos, que discute o pensamento de Anísio Teixeira e de John Dewey, bem como sua inserção nas sociedades brasileira e norte-americana, respectivamente. Nesse bloco a discussão acerca do legado do liberalismo, de uma forma ou de outra, continua. Pagni discute, basicamente, a concepção de filosofia da educação de Anísio Teixeira, a partir das obras produzidas entre os anos de 1950 e 1960. O autor se propôs a analisar a receptividade dessa concepção – especificamente o pragmatismo - durante aquele período, no contexto histórico brasileiro, e sua importância para o atual debate pedagógico e filosófico educacional desenvolvido no Brasil. Enfatizamos que Pagni reconhece em Anísio Teixeira um filósofo da educação brasileira – pois “tratou dos problemas singulares da cultura e da educação brasileiras” - e lhe atribui significado especial à constituição da filosofia da educação no Brasil.

Compondo, ainda, o segundo bloco de artigos, o trabalho **John Dewey: filosofia política e educação**, de Marcus Vinícius da Cunha, apresenta a filosofia política de John Dewey expressa nos ensaios Liberalismo e Ação Social e Liberdade e Cultura, respectivamente de 1935 e 1939, com o intuito de compreender as concepções educacionais deweyanas contidas no livro Democracia e Educação, de 1916. Segundo Cunha, é por meio da análise dos conceitos liberais de individualismo e liberdade que Dewey critica o liberalismo de sua época – o *laissez-faire* – e apresenta as idéias que considera válidas para sustentar a democracia. Elaboradas em plena crise da sociedade americana, quando o *New Deal* era colocado em prática, são, segundo o autor, as proposições políticas de Dewey que dão suporte à sua pedagogia, cujos princípios são contrários ao cultivo da espontaneidade do aluno como finalidade central e exclusiva da educação escolar.

O terceiro bloco de artigos é formado por dois trabalhos que tomam como referente o sujeito e a sua desconstituição num mundo em que a subjetividade estaria (multiformemente) esvaziada. Francimar D. Arruda no trabalho **A intersubjetividade contemporânea: os desvalidos de Eros** desenvolve uma reflexão sobre o simulacro produzido pela sociedade de consumo em relação ao dese-

jo. Afirma que a deserotização das relações humanas repercute na sociedade atual nos moldes de um hedonismo sem precedentes na história da humanidade. Segundo Arruda, os efeitos perversos desse fenômeno justificam a ausência de projetos e a desesperança que perpassam nosso cotidiano. Isso posto, impõe-se a pergunta: pode a educação ajudar a diluir esse processo (especialmente quando o professor, ele mesmo, está, via de regra, deserotizado)?

O trabalho de Márcio Danelon, **Nietzsche educador: uma leitura de Schopenhauer como educador**, tem por objetivo apresentar Nietzsche como um educador que educa através de suas obras. Para tanto, Danelon parte da análise que Nietzsche fez na obra *Schopenhauer como educador*, tomando as características necessárias que, na ótica nietzschiana, fizeram de Schopenhauer um educador. No *continuum* do trabalho, o autor procura verificar a efetividade dessas características nas obras posteriores de Nietzsche, de modo a demonstrar ser Nietzsche, também, um educador. Seria o texto *Assim falou Zaratustra* a expressão maior de Nietzsche educador. Segundo Danelon, por meio da figura do Zaratustra, o pensador ensina aos homens o caminho para o *além-homem*, que exerce sua liberdade e que governa a si mesmo. O homem superior estaria para além de qualquer mesquinhez e redução – a redução às regras da cultura de consumo, por exemplo – e, na condição de superior, poderia ser um educador.

O quarto e último bloco de artigos diz respeito, aos processos e materiais formativos. Inaugura o bloco o texto **Filosofia regressiva: uma alternativa para o ensino de filosofia?** de Renato José de Oliveira. O autor procurou trazer algumas contribuições para a discussão acerca de orientações seguidas pelos livros didáticos, bem como para o resgate da filosofia como construto humano forjado no âmbito da argumentação. A partir de uma pesquisa realizada com vinte livros didáticos de filosofia, o autor faz, inicialmente, algumas considerações sobre duas orientações típicas: a abordagem por eixos temáticos e a abordagem por autores. Depois, com base em Chaim Perelman, faz um contraponto aos sistemas filosóficos dogmáticos. Finalmente, a discussão é remetida para o âmbito do ensino de filosofia com alunos de ensino médio, auditório que, ao ver de Oliveira, é diferenciado, merecendo, por isso, uma abordagem também diferenciada, a exemplo da filosofia regressiva.

O trabalho **Filosofia da educação e formação de professores em algumas universidades brasileiras entre os anos 40 e os anos 60**, de Elisete M. Tomazetti, apresenta alguns elementos significativos da constituição histórica da disciplina Filosofia da Educação nas Faculdades de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), da Universidade de São Paulo (USP), da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC/RS). O estudo destaca a importância que os estudos filosóficos sobre educação tiveram para os cursos de formação de professores, a relação estabelecida com as ciências da educação, os diferentes programas de ensino desenvolvidos, assim como as características que assumiram em cada instituição.

Diferentemente de Oliveira e Tomazetti, o trabalho de Gomercindo Ghiggi, intitulado **A autoridade a serviço da liberdade: diálogos com Paulo Freire e professores em formação**, discute a pedagogia da autoridade a serviço da liberdade com professores em formação inicial. A partir da análise da obra de Paulo Freire e do diálogo com os professores mencionados, Ghiggi sustenta as teses de que a autoridade é conceito com o qual Freire busca demarcação pedagógica, epistemológica, ética e política e que a dinâmica dos diálogos formativos transgride códigos capitalistas ao ensinar solidariedade em um contexto em que prestígio e domínio cultural desautorizam a constituição da autoridade. O diálogo aparece ao mesmo tempo como forma e conteúdo pedagógico, como material e processo formativo.

O último trabalho, **Uma visão crítica sobre as relações entre a filosofia da educação e as ciências da educação**, de Filipe Ceppas, levanta questões sobre as relações entre filosofia, pedagogia e ciências da educação. Segundo o autor, a filosofia, em sua própria constituição, pode ser concebida como uma reflexão que tematiza e tenta dar conta de aspectos fundamentais de processos pedagógicos, sendo, simultaneamente, uma atividade pedagógica. O texto começa por questionar uma concepção de filosofia subjacente a um modo de formular as relações entre filosofia e pedagogia: a de um saber fundamental sobre as questões da educação. Ceppas defende a tese de que, se a filosofia tem muito a contribuir para pensar as questões educacionais, sem abdicar de uma apreensão crítica da totalidade, ela tem também muito a aprender das chamadas “ciências da educação”.

Finalmente, registramos a feliz articulação da Revista Perspectiva com o Programa de Pós-Graduação em Educação do Centro de Ciências da Educação da Universidade Federal de Santa Catarina e com a Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Educação - ANPED, especialmente o GT Filosofia da Educação, articulação que viabilizou o presente número temático num momento de grandes dificuldades institucionais das universidades públicas federais.

Esperando responder qualificadamente à hipoteca social que pesa sobre a universidade pública, deixamos aos leitores e leitoras mais este número da Revista Perspectiva.

Ari Paulo Jantsch
Maria Célia Marcondes de Moraes

Florianópolis, dezembro de 2001.

Notas

- 1 A expressão foi usada por Marx para designar uma formação humana que supera qualquer tentativa reducionista. Foi exemplarmente recolocada, no último século, pelo filósofo-cidadão do mundo Mario Alighiero Manacorda. Ver, entre outras obras, *Marx e a pedagogia moderna* (cf. Referências).

Referências

JANTSCH, Ari P. Prefácio. *Perspectiva: Revista do Centro de Ciências da Educação*, Florianópolis, v. 18, n. 34, p. 7-10, jul./dez. 2000.

MANACORDA, Mario Alighiero. *Marx e a pedagogia moderna*. tradução de Newton Ramos de Oliveira. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1991.

SANTOS, Milton. *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*. 3. ed. Rio de Janeiro: Record, 2000.